

Circular

Escola
Waldorf
São Paulo
11/2018 - nº 85

Um sábado à moda grega

Tatiana Raffaelli – Professora de classe do 5º ano EF

No dia 15 de setembro, os alunos do 5º ano acordaram cedo para pegar a estrada rumo ao local onde aconteceria o evento esportivo mais aguardado pela turma, os “Jogos Gregos”. Junto com alunos de outras três escolas, vivenciariam um dos aspectos estudados na época de história da Grécia, conteúdo fundamental do currículo deste ano escolar. O ideal da beleza e da perfeição, tão característicos da cultura grega, são fundamentais para o desenvolvimento da criança de 11 anos, que vivencia o auge da infância.

O destino era um sítio perto da cidade de Campinas. Apesar do tempo nublado e um pouco frio, o clima no ônibus era o de uma festa animada. Afinal, todos esperavam por esse dia há um tempo, pois a preparação para os jogos foi longa e trabalhosa.



Desde março, todas as manhãs de segunda-feira foram dedicadas à prática das modalidades olímpicas gregas. Os treinos aconteceram no Parque Ibirapuera, local que agora abriga boas lembranças do esforço e da dedicação de cada aluno para superar seus próprios limites.

“Já ouviu falar sobre os Jogos Gregos? Se já ouviu, pode pular para o próximo parágrafo. Os Jogos Gregos acontecem entre as escolas Waldorf e são compostos por cinco modalidades: salto, luta, corrida, lançamento de disco e dardo.” **(Felipe)**

“Nos Jogos Gregos nós fizemos as cinco modalidades gregas, mas não teríamos conseguido sem a ajuda do professor Diego e da querida dona Tati, que nos levaram toda segunda-feira ao Ibirapuera para treinarmos.” **(Vinicius)**

“Os Jogos Gregos foram inesquecíveis. Primeiro porque desde março nós íamos toda segunda-feira ao Parque Ibirapuera com a dona Tati. Para chegar lá demorava vinte minutos (andando!). Lá, o 5º ano treinava as cinco modalidades gregas (...). Na minha opinião, melhoramos muito em todas as modalidades. Na última segunda-feira que a turma foi ao parque eu sabia que nós estávamos prontos.” **(João Pedro S.)**

“Os Jogos Gregos foram incríveis! Tínhamos as equipes: Maratona, Esparta, Delfos, Atenas e Corinto. Eu fui da equipe de Maratona. Nosso desafio era fazer todas as modalidades olímpicas. Foi uma aventura e tanto.... Fiquei muito feliz em participar!” **(Sophia Duarte)**

“Foi uma ótima experiência e uma oportunidade de conhecer novos amigos. Eu não estava na escola no início do ano e não treinei as modalidades, mas com certeza teria sido muito legal ir ao parque e treinar. Mesmo não tendo treinado, consegui fazer tudo e estou muito feliz!” **(Mila)** 🏠

Projeto Luz e Agrimensura – 10º ano

Miguel Garcia de Oliveira - Professor de Geografia do EM e Adalberto Anderlini - Tutor do 12º ano do EM

“Uma medida no céu, uma na Terra e uma no Corpo”, esse é o mote do “Projeto Luz/Agrimensura”, uma União das disciplinas de Astronomia, Geografia, Geometria e Educação Física, que o 10º ano pôde vivenciar entre os dias 10 e 17 de agosto.

A viagem começou com uma visita dos alunos ao Observatório Astronômico do Pico dos Dias, em Brasópolis. Essa visita serviu como uma pequena introdução para as noites seguintes, nas quais os alunos observaram, com telescópios, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, a Lua e alguns aglomerados estelares, dessa vez na Colônia Araucária, próxima a Campos do Jordão.

Mas, se as noites eram dedicadas à observação do céu, os dias eram voltados à Terra e ao Homem. Pois foi durante os dias que os alunos fizeram e refizeram as medições para as suas plantas de Agrimensura. E foi também durante os dias que os alunos tiveram práticas de Ginástica e Atletismo.

O “Projeto Luz/Agrimensura” é uma viagem sobre conexões. Conexão do aluno consigo, conexão com o outro e com o espaço em que vive, em suas mais diferentes escalas. 🏠



Trabalho Anual

Adalberto Anderlini – Tutor do 12º ano do EM

Algum dia nós presenciamos o primeiro sorriso de nossos filhos ou filhas. Algum dia vimos seus primeiros passos — incertos, titubeantes, transbordando quereres. Algum dia sentimos o corpo retesado ao presenciar um tombo que não conseguimos impedir. Algum dia ouvimos, pela primeira vez, a personalidade de sua voz. Ouvimos seus lábios pronunciarem, pela primeira vez, eu te amo. Algum dia vimos seus primeiros desenhos, suas primeiras palavras escritas, a forma reveladora de suas letras. E, dia após dia, nessa inefável dança cósmica, presenciamos a

evolução de um bebê se tornando uma criança, de uma criança um adolescente. O tempo atropelou os anos. As memórias acumularam-se entre primaveras e desafios. E, de repente, muito mais do que de repente, o querer ganhou forma. A voz ganhou força. A palavra escrita deixou de ser cópia para se tornar presença. O “EU” estava nascendo. Um novo parto. Uma nova fase que se inicia.

O Trabalho Anual é um processo que anuncia essa transição. O fim do período escolar se aproxima. Está na hora do “EU” enfrentar o mundo. Saborear suas lutas e reviravoltas. Os dias e as noites da alma. E nada é capaz de trazer mais acalanto para nossos corações do que presenciar cada um destes jovens apresentando a pesquisa que realizou durante um ano, confluindo as forças adquiridas nos primeiros tombos, nos primeiros desenhos, nas primeiras frases para esse momento tão especial. Parabéns a todos por essa última grande conquista e superação em nossa Escola. Agora está na hora de ir para o mundo...

Seguem algumas frases extraídas dos trabalhos destes jovens, revelando a pluralidade dos temas e de suas individualidades.

“O tema que escolhi tratar foi a Jornada da Heroína. [...] Um tema crucial, pois nos relembra como hoje já temos espaço para falar sobre a mulher em qualquer lugar. Assim como nas histórias, tendo seu devido protagonismo. Estudar este tema durante o ano me abriu portas para, por exemplo, deixar de julgar pensamentos antigos, que tinham todo um contexto para acontecer. Sinto que este foi um dos meus maiores aprendizados durante o processo.” – Beatriz B. Coimbra, na introdução do trabalho A Jornada da Heroína.

“O processo do trabalho anual mostrou-se revelador em muitos aspectos do ser. Se eu pudesse voltar no calendário, para o momento do processo do trabalho, com certeza faria algumas mudanças no meu comportamento, quebrando barreiras que já deviam ter sido quebradas. Alguns momentos foram extremamente difíceis de prosseguir com a tarefa e, em meio a um mundo com tantas distrações, não foi difícil perceber o que paralisa.



O mais complicado é entender o que nos move, o que move a alma. Acredito que grande parte da motivação e força de vontade só foram conquistadas graças à capacidade de lidar com os sentimentos e com a razão. A curiosidade de indagar, questionar e compreender as estruturas que compõem tantas faces da sociedade junto ao olhar apaixonado que tenho pela história e poder das mulheres fazem parte do que mais me trouxe forças pra transformação.” — Enrica P. Boratto, na conclusão do trabalho Abandono do Ciclo Lunar.


“Nós, seres humanos, apenas desenvolvemos todas as capacidades possíveis quando em sociedade. Essa é a tese do “animal político”, como Aristóteles descreveu. O ser humano apenas passa da potência para o ato quando em sociedade, praticando aquilo que seria a política. Esta é algo inevitável para o convívio social. Se não a tivéssemos, a vida se tornaria um caos governado apenas por nosso instinto animalesco. Por isso, a importância de se estudar política, de entender como ela funciona e como ela pode mudar a nossa vida. Contudo, como podemos perceber pelos dados apresentados nos capítulos três e quatro, algo na política não está funcionando. A política deveria ser a coisa mais estável e confiável em uma sociedade. Nós dependemos dela, nós escolhemos as pessoas que estarão lá governando, mas, mesmo assim, os dados mostram que ela cada vez mais se torna ineficiente e impopular, coisa que é preocupante em uma democracia. Sempre me fiz um questionamento, por que os “maus” políticos, ou melhor, “políticos sem vocação”, não são substituídos com o tempo? A população deveria perceber que esses políticos não fazem bem para a sociedade, elegendo futuramente “políticos com vocação”. Por que insistimos no erro de continuar elegendo pessoas que tendem a favorecer apenas seus próprios interesses?” – Alexandre G. Borsio, na conclusão do trabalho Ética e Política.

“Estou curioso quanto a minha apresentação e que ideias terei para apresentar, porém talvez meu foco esteja se dirigindo um pouco mais à frente, como é comum em alunos do último ano. Ando pensando com frequência em vestibulares e como entrarei para a física. Ainda carrego algumas incertezas, o período que estou vivendo agora me reserva muitos desafios e nem todos relacionados ao trabalho anual. Porém, como já deve ser perceptível durante o trabalho, incerteza nunca foi um empecilho. Ela é, no caso da física quântica, apenas uma contribuinte para uma maior noção das nossas limitações, uma provedora de maior autoconhecimento.” – Felipe G. Souza, na conclusão do trabalho A Lente do Novo Paradigma, Impacto da Física Moderna na Visão Clássica de Mundo.

“Neste trabalho pesquiso a origem do fotojornalismo e a situação atual no qual se encontra. Proponho outro rumo para o mesmo por meio de uma visão mais social e menos lucrativa, buscando trazer visibilidade às pessoas que são “invisíveis” na sociedade. O tema abordado não vem de um querer, mas sim de uma necessidade que percebo. Olhando para o mundo vejo essas pessoas; examinando os meios de notícia, concluo que o mundo se tornou banal, com reportagens em seus periódicos enaltecendo quem já é grande. Trago, com esse trabalho, a proposta de uma nova visão jornalística para as agências midiáticas dando visibilidade a quem não tem. Estudei esses temas diante da necessidade apresentada pelo mundo. De qual forma, nos tempos atuais, trazer visibilidade a quem não tem? Com esse trabalho a pergunta anterior pode ser respondida. O fotojornalismo está menos jornalístico e mais sensacionalista, portanto um novo estilo de abordar o mundo é necessário: devemos deixar de lado o lucro total e abordar uma visão social, olhar para o próximo.” – Rodrigo Santos, na introdução do trabalho Fotojornalismo: uma visão social.

“Minha orientadora perguntou quando eu experiencio o equilíbrio entre meu corpo e minha mente. Experiencio quando um é honesto com o outro. Quando sei pedir quando preciso, e sei oferecer quando posso. Estou em desequilíbrio quando me desrespeito.” – Isadora Retz, na conclusão do trabalho Cura por meio da Alimentação sob as perspectivas Ayurvédica e Antroposófica.

“Desde que entrei na Escola quero ser professora dela; é um lugar tão aconchegante, tão bonito, harmonioso, cheio de carinho. Que trata todos os indivíduos do jeito que são. Queria e quero, cada vez mais, fazer parte disso. Ver o processo de uma criança pequena dentro dela é lindo, e tenho a oportunidade de vivenciar isso com meu irmão. Vejo como ele é feliz, vejo como ele brinca, e isso me dava mais certeza ainda que esse era o tema do meu trabalho. Ele tem uma imaginação diferente, brinca com qualquer coisa que você dá para ele. É extremamente musical, pensativo e comunicativo. Acima de tudo, queria entender esse mundo onde vivo desde pequena, e esse mundo que meu irmão ainda irá trilhar. E, ter a certeza maior do mundo que é com isso que quero trabalhar; esse tema mexe com meu coração, me deixa encantada ao falar e cheia de energia! Estudá-lo durante um ano foi um aprendizado enorme! Aprendi sobre mim, sobre meu irmão, sobre a essência da criança, sobre um pouquinho da essência do Jardim da Escola, sobre a pedagogia Waldorf, sobre as crianças e sobre o brincar!” – Jasmim C. Gomes, na introdução do trabalho A essência do brincar na pedagogia Waldorf.

“O processo do trabalho anual e o Sagrado Feminino me fizeram entender a natureza cíclica das coisas. Esse é o começo de uma morte. As coisas precisam ter um fim para renascer. Como mulher, vivo isso todo mês em meu ciclo menstrual e agora vivo isso nessa dissertação, que encaminhou e transformou minha vivência feminina no mundo. Ter trilhado minha trajetória nessa Escola e concluir esse ciclo com o trabalho anual é extremamente engrandecedor. A escolha desse tema, um tanto quanto incerta, me trouxe uma certeza: o sagrado feminino precisa ser despertado e as mortes precisam ser aceitas.” – Sophia Lucchi, na introdução do trabalho O resgate do Sagrado Feminino na sociedade patriarcal. 

E agora, você?

Os alunos do 12º ano de 2018 fizeram, em aula de literatura, uma releitura de um poema de Carlos Drummond de Andrade – “E agora, José?”

Joana M. Falavina – Tutora do 10º ano e Professora de Língua Portuguesa do EM

Samanta Franco Martins

E agora, Samanta?
O momento bom acabou,
O sonho sumiu,
A música acabou.
Não dance sozinha.
E agora, Samanta?
Você que escorregou,
Você que caiu e está no chão,
No frio,
Que não consegue dormir.
O dia amanheceu,
A manhã se foi,
A tarde chegou,
O sol se pôs.
A noite congelante
Se aproxima,
Se aproxima cada vez mais,
E você?
E você, Samanta?
Ainda acordada?
O pesadelo começa a surgir,
O passado a perseguir,
Você a correr,
Mas não tem para onde ir,
Presa nesse pequeno universo.
Sua paz interior,
Sua autoconfiança,
Sua credibilidade,
Seu amor,
Tudo se foi.
Seu medo a te consumir
Sozinha no escuro frio.
E sua alma,
Cadê?
Para onde tudo foi?
Sem chão pra pisar
Só nos resta voar
E agora, Samanta?
Onde pousar?
Não pare!
Suas maluquices nunca,
Nunca se esgotam
E agora?
Onde ponho a tinta?
Samanta, que cor?

Gabriela Guimarães Piccoli

E agora, Gabi?
A escola acabou,
O portão fechou,
A sala se esvaiu,

O povo se distanciou,
E agora, Gabi?
E agora, você?
Você que não é nada,
Que não sabe o que quer,
Você que faz versos,
Que ama, protesta?
E agora, Gabi?
Está sem vontades,
Está sem verdades,
Está sozinha,
Já não pode cantar,
Já não pode sonhar,
Bordar já não pode.
A noite esfriou,
O dia não veio,
A resposta não veio,
O riso não veio,
Não veio a utopia,
E tudo acabou,
E tudo fugiu,
E tudo mofou,
E agora, Gabi?

E agora, Gabi?
Seu jeito colérico,
Seu instante raivoso,
Sua ira incomum,
Sua sabedoria,
Sua capacidade,
Sua incoerência,
Seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
Quer abrir a porta,
Não existe porta,
Quer morrer no mar,
Mas o mar secou,
Quer ir para Minas
Minas não há mais,
E agora, Gabi?

Se você gritasse!
Se você escrevesse!
Se você cantasse
A mais bela música!
Se você corresse!
Se você falasse!
Ah, se você fizesse!
Mas você não faz,
Você é dura, Gabi.

Sozinha no escuro,
Qual bicho do mato,
Sem capa,

Sem espada,
Sem hematitas
Que a protejam,
Sem cavalo branco
Que fuja a galope,
Você corre, Gabi,
Gabi, para onde?

João Pedro Santos Giarrante

E agora, João?
A rotina acabou,
a aula terminou,
o livro fechou,
o fim chegou.
E agora, João?
E agora, João?
Você que alcançou seus objetivos,
você que conseguiu amigos,
que com tudo se apegou.
Já não tem mais nada,
já está sozinho na estrada,
aprendeu, estudou, para quê?
A vida esfriou,
o verso não veio,
a resposta não veio.
E tudo acabou,
e tudo murçou,
e tudo esqueceu.
E agora, João?
E agora, João?
Suas antigas relações,
seus costumes,
suas conquistas,
seus projetos,
sua incerteza — e agora?
Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer ser o melhor,
mas está sozinho;
quer ir para casa,
não há mais casa.
João, e agora?
Se você gritasse,
se você esquecesse...
mas você não esquece, João,
você é duro, João.
Sozinho no escuro,
quais seus piores exemplos?
Sem destino,
sem lembranças para se encostar,
você marcha, João.
Para onde?

Maria Julia Abdo

E agora, Maju?
A festa acabou,
O vento cortou,
O povo sumiu,
A alma esfriou.
E agora, Maju?
E agora, você?
Você que é sem Norte,
Que ri dos próprios problemas,
Você que tece palavras,
Que sente, enxerga?
E agora, Maju?
Está sem amor,
sem tutor,
sem destino,
já não pode mais sonhar,
já não pode mais cantar,
dançar já não pode.
A alma esfriou,
a sorte não veio,

as flores não vieram,
o Sol não veio,
veio a distopia
e tudo acabou,
tudo estilhaçou,
tudo sucumbiu.
E agora, Maju?
E agora, Maju?
Sua doce lembrança,
Seu instante eufórico,
Sua crença e ceticismo,
Sua biblioteca,
Seu carma de ouro,
Seus deuses de vidro,
Sua decadência,
Seu rancor — e agora?
Com a faca na mão
Quer cortar o queijo,
Não existe queijo,
Quer morrer no céu,
Mas não olha pra ele,
Quer ir para Pasárgada,

Pasárgada não há mais.
Maju, e agora?
Se você corresse,
Se você gritasse,
Se você pedisse,
Se você sonhasse,
Se você olhasse
Para o céu noturno,
Se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é firme, Maju!
Sozinha no escuro
Qual bicho do mato
Sem superstição,
Sem colo de mãe
Para se acalmar,
Sem cavalo preto
Que fuja a galope,
Você caminha, Maju
Maju, para onde? 🏠

Quando a cortina fecha pela última vez

Ana Maria Pezzutto – Professora de Classe do 8º ano do EF

Os alunos do 8º ano apresentaram a peça “Os Miseráveis,” texto de Victor Hugo, adaptado por Leonardo Cortez e dirigido por Glauca Libertini, nos dias 21, 22, 23 e 24 de setembro. Esse Projeto Teatral faz parte do currículo do 8º ano da Pedagogia Waldorf.

O resultado atingiu os objetivos propostos. Os alunos fizeram uma retrospectiva do processo e eis alguns fragmentos de suas reflexões.

Alycia – “[...] o Teatro acabou, ele se foi, trabalho cumprido e muito esforço. Só sinto, além desse vazio, uma coisa agora: ORGULHO! Orgulho do trabalho maravilhoso que fizemos.”

Antonio – “Nossa, é difícil falar sobre o Teatro porque eu ainda não percebi que ele acabou [...] Aproximei-me de pessoas durante o processo, fiz novos amigos e fortaleci amizades antigas. Aproximei-me de mim mesmo. Conheci de novo pessoas que eu já conhecia há anos [...] O Teatro acabou, mas suas memórias permanecem.”

Beatriz – “O Teatro foi uma experiência emocionante em todos os sentidos. Vivenciei de tudo um pouco — algumas coisas até demais. Quando começamos a montar a peça, eu imaginava que ficaria lindo, mas não tanto assim! [...] Vou sentir muita, mas MUITA falta de tudo isso, não só do Teatro, mas o sentimento de união e saudades de algumas pessoas [...] Mesmo com as pessoas que não vão sair, espero que a sala continue unida!”

David – “Eu nunca achei que seria capaz de apresentar o Teatro, mesmo que meu papel não fosse grande. Já foi um grande avanço para mim.”

Fabio – “O Teatro foi uma experiência bastante interessante. No começo, eu não gostava dos personagens, mas com o tempo comecei a gostar deles. Eu perdi um pouco da minha timidez e isso foi muito bom para mim.”

Gabriel – “Em minha visão, o processo teatral foi ótimo. Consegui evoluir em vários aspectos como: timidez, velocidade da fala, clareza na fala, movimentação corporal, preencher o espaço, saber quando ouvir e quando falar, a me exprimir com expressões faciais.”

Joana – “O processo do Teatro foi maravilhoso e completamente diferente de tudo o que já fiz [...] Foi incrível viver como outra pessoa e refletir sobre as suas ações. Acho que os personagens me fizeram mudar de opinião sobre algumas coisas e até repensar atitudes.”

Julia – “[...] Eu ainda estava achando tudo aquilo muito estranho até o momento em que eu subi no palco para agradecer e vi várias pessoas levantando e aplaudindo. Foi nesse momento que notei que eu tinha, sim, mudado. Eu e meus amigos estávamos muito unidos, eu estava mais focada e calma, além de ter notado que não foi nem um pouco perda de tempo.”

Letícia – “No Teatro, eu acho que o que mais me mudou foi ter a consciência de que os meus atos reverberam nas outras pessoas e como [...] e o mais sutil foi a “rede” que se formou entre todos da classe [...] Eu não imaginava o quão expressiva eu posso ser, tanto em atuação quanto na escrita; e com certeza vou levar isso para a vida [...]”





Luís Felipe – “Eu mudei... muito. [...] E agora que acabou, eu olho para trás e penso em todo o trabalho que nós tivemos, mas que mesmo assim acabou em um piscar de olhos. E todos os momentos ficaram registrados em nossos corações e almas, pois as câmeras e máquinas fotográficas registraram uma parte muito pequena de um processo muito grande.”

Luiza – “[...] Neste processo acho que descobri que sou muito capaz de coisas que no início jamais pensaria que conquistaria no Teatro [...] No processo teatral eu me superei, pois no início parecia algo tão distante e difícil, mas no final me surpreendi comigo mesma.”

Magnus – “Os dias de apresentação, na minha opinião, foram incríveis. Algo quase indescritível. Eu acho que aqueles momentos de preparação, ouvir o público chegando, entrar no palco, centenas de olhos olhando em sua direção, a adrenalina emanando em seu corpo, a luz forte do foco batendo em seu rosto [...] O tempo é pássaro que ninguém pega. O tempo é a brisa de outono que só se pode sentir uma vez. O tempo é um sorvete que se toma em um dia de extremo calor. O tempo é o Teatro.”

Maia – “Sempre me falavam que a gente começaria o Teatro de um jeito, mas a garantia é que terminaria melhor. Em relação a mim, comecei a olhar para este grupo como um grupo e não como pessoas individuais. Aprendi a escutar pessoas a quem eu não dava ouvidos e assim, fui ajudada várias vezes. Agradei imensamente pessoas com quem eu nunca tinha trocado palavras e até me desculpei por nunca ter lhes dado atenção [...] Este processo foi muito rico em aprendizado, tanto com o que quero seguir no futuro, como quem eu quero ser agora.”

Marcella – “O Teatro foi mágico! Proporcionou-me tantas emoções e experiências novas [...] Uma coisa que eu não tinha antes desse processo era a coragem. Coragem para me expor, coragem de ser quem EU sou. E tenho certeza de onde veio essa coragem que agora é existente em mim: da Cosette. Interpretar a personagem Cosette foi um desafio e tanto, pois ela é uma mulher cheia de coragem e tão apaixonada! Apaixonada tanto pelo Marius quanto pela vida e isso tudo faltava em mim. Agora me sinto mais completa por ganhar um pouco de coragem dessa incrível mulher e esse imenso amor pela vida.”

Maria Luiza – Bem, esse realmente foi um processo transformador, tanto internamente como na relação com o grupo. Acho que durante o processo conquistei um foco maior, além de poder me conhecer melhor, meus desafios e qualidades, e também me uni com o grupo muito mais, não de uma forma “de ter amigos e mais conversa”, mas sinto que conheço mais cada um desta classe. Também consegui perceber e aceitar mais nossas diferenças [...] Enfim, também perdi a vergonha, vergonha de cantar na frente de todos, de ser eu mesma, de ter dificuldades — afinal todos temos — perdi a vergonha até de mostrar a minha opinião. Sinto que sou uma outra Malu, dentro de um outro 8º ano. Mas continuo sendo eu, e continuamos sendo nós.”

Mariana – “O que eu aprendi com o processo do Teatro: falar alto e falar com calma, mesmo estando nervosa. O que eu gostei de fazer: eu adorei interpretar quase todos os personagens, menos o Oficial 2. Adorei cantar as músicas, principalmente, “Só mais um” com todo o grupo.”

Paulo H. – “Durante o processo do Teatro, eu pude perceber alguns passos que eu dei. Foram: novas amizades, um conhecimento maior sobre algumas pessoas do grupo, estar mais atento a pequenos detalhes que antes eu não via, mais paciência e esperar o momento certo para fazer a coisa certa [...] Você sempre pode mais, você pode ter uma iniciativa fazendo com que muitos tomem a atitude! E o melhor de tudo é saber que você nunca vai estar sozinho. Sempre, querendo ou não, vai ter alguém que vai fazer você se inspirar e fazer tudo com a sua máxima capacidade.”

Pedro H. – “O Teatro foi um sonho inesquecível e com ele me veio o foco, a atenção, a percepção, a determinação, a calma e muito mais. Cada personagem me mostrou coisas lindas. Eu não sei ao certo o que ganhei e nem o que vou ganhar, mas o que este Teatro me ensinou é não ter medo do que virá.”


Rafael – “O Teatro foi incrível, me proporcionou coisas das quais nunca irei me esquecer, mas também teve momentos desagradáveis, os quais acho que foram necessários para o fortalecimento do grupo.”

Ryuji – “O Teatro me ajudou, principalmente, a aceitar o tempo de cada um, a entender que cada um tem o seu tempo para chegar onde quer. Uns mais rápidos, outros nem tanto, mas todos chegam. Aprendi, também nesse processo, a lidar um pouco com problemas e improvisos. Como se o Teatro fosse a vida e, se um problema aparece na frente, a gente tem que improvisar e lidar com ele. O que o Teatro é? Acho que é uma forma de vida, uma pequena representação do que é viver.”

Sophia B. – “Para mim, foi um processo muito importante. Tenho certeza que evolui muito porque eu me lembro de ter começado com muita vergonha de me soltar, mas quanto mais o tempo passava mais eu me soltava e via o quanto eu gostava de atuar. [...] Tenho certeza que despertou talentos em mim que eu não achei que tinha, e que vou levar para a vida toda.”

Sophia N. – “Neste processo eu me uni mais à classe, me soltei mais, aprendi no meio daquele ‘caos’, nas transições de cenários, que a gente não tem que apontar para o outro, nós somos um grupo. No começo desse processo, acho que nós éramos como uma constelação muito espalhada no céu e cada vez mais nos aproximamos, nos tornando uma só estrela. [...] Obrigada Teatro.”

Tarsila – “Para mim, o processo foi bem especial. Eu amadureci, mudei minhas atitudes em relação aos outros. Essa peça me mostrou coisas muito ricas que vou levar para o resto da vida. Não imaginava que um teatro ajudaria a me tornar uma pessoa melhor. Sou muito grata. Mudei muito internamente. O Teatro tocou coisas em mim que não sabia que seriam tocadas.”

Téo – “O Teatro mudou algumas coisas em mim: eu agora escuto mais do que escutava antes, aprendi a firmar os pés na hora de falar e a pronunciar bem as palavras.” 

As Comemorações dos 35 Anos

Comissão 35 anos

Já entramos num novo setênio e toda a alegria das comemorações do nosso aniversário transformaram-se em memória e história para os próximos anos.

Nos painéis, cada classe ofereceu lindos presentes. Pais e professores também registraram, com palavras, suas mensagens. Na Waldorfest, a comunidade celebrou o aniversário da Escola com música, queijos, vinhos, exposição de fotos e notícias dos últimos 35 anos.

Recebemos ex-alunos que contaram suas experiências dentro e fora da Escola. Na quadra, com professores, funcionários e alunos da Educação Infantil, do Fundamental e do Médio, cantamos parabéns e comemos os bolos feitos pelos queridos jovens do 12º ano.

Terminamos as comemorações com uma divertida gincana envolvendo os alunos do 1º ao 12º ano. Ao final, cada grupo colocou num baú cartas e desenhos que produziram. E essa "arca do tempo" será aberta daqui a dez anos! E todos poderão lembrar quais eram seus sonhos e desejos em 2018.

Gratidão a todos os que construíram e constroem a história da nossa Escola Waldorf São Paulo. Que venham mais muitos anos, muitos setênios, muitas décadas!

"35 anos Waldorf. Eu gostei da gincana e do bolo. Eu gostei dos desafios. Eu conheci o Rodrigo. Ele era legal, mas tinha mais um que se chamava Felipe." **(Raphaella, 2º ano)**

"Eu gostei da gincana porque teve vários jogos legais e jogos que eu não conhecia. Também gostei de comer bolo, o bolo estava deiliciioosoo!" **(Estela, 2º ano)**

"Eu gostei da gincana. Eu conheci pessoas, eu amei. Foi muito legal e eu também gostei do painel. E essas pessoas são a Luiza do 4º ano e a outra Luiza, mas ela é do 11º ano. Foi muito legal." **(Nina, 2º ano)**

"Foram maravilhosas as muitas comemorações dos 35 anos da Escola. Cantamos parabéns na quadra, o que eu nunca pensei que fosse acontecer.



E foi emocionante ver alunos que já estudaram na Escola. Quando contaram sobre a vida deles na Escola e agora, eu vi como mudou, como a Escola ensinou muito para eles e como temos que aproveitar e guardar os ensinamentos. Mas ver quando os professores entraram aqui e seus depoimentos de anos atrás mudou minha visão sobre como se dedicam à escola e como sou grata a eles.

E a gincana! Ela mostrou exatamente o que a escola nos traz: a união. Ela une as pessoas, faz com que você não só fique no seu mundo, mas se relacione com outras classes, com outras pessoas, com novas perspectivas. Promove o trabalho em equipe e a força.

Então eu agradeço a todos, mas principalmente às duas irmãs que começaram com um pequeno sonho que se transformou nessa escola. A nossa Escola." **(Isadora, 7º ano)**

"A gincana dos 35 anos foi uma experiência incrível. Se juntar com pessoas com quem você nunca falou e perceber como a Escola nos influencia, ensina e ajuda.

O dia seguinte foi de São Micael, um dia de enfrentar aquilo mais profundo, o seu medo. Com seus amigos e professores você pode contar, e às vezes é preciso chorar, pois aquele momento é único, especial. São Micael te ajuda em todo momento, mas esse é um dos dias em que você realmente o sente." **(Iara, 7º ano)**

"Encantamento. Acredito que é essa a palavra que define nossa Escola. Nesses 35 anos de trajetória, sentimos a presença desse sentimento em cada olhar, em cada detalhe. No início, nossas fundadoras: encantadas por seus netos. Em seguida, pais, encantados com o que seus filhos estavam vivenciando, foram ampliando mais e mais a Escola. O corpo pedagógico, que ao longo desses anos cresceu, aprimorou-se e vem oferecendo um ensino que invade as mentes e as almas de nossos filhos por seu encantamento com a Pedagogia.

Esse encantamento nos trouxe até aqui e nos move. Professores e pais altruístas e dedicados construíram cada centímetro dessa entidade que chamamos de Escola. Uma Escola que educa professores, pais e filhos.

Não tenho tanto tempo de Escola como gostaria, mas agradeço a cada um por ter tido a oportunidade de fazer parte deste grupo. Fomos acolhidas por uma família alegre, com suas diferenças, mas que deposita amor e cuidados em tudo o que faz.

Nossa comunidade está constantemente estudando formas de aprimorar nosso ambiente através das comissões, do Conselho de Pais, do corpo pedagógico. É um trabalho diário, um esforço contínuo e dedicado. É importante que nós, pais, reconheçamos nossas dificuldades e criemos uma cultura de doação. Doação de nossas habilidades, de nosso tempo — por menor que seja —, uma doação carinhosa à entidade que hoje apoia os nossos filhos, mas que já formou inúmeros outros.

Não podemos perder esse encantamento nunca. Em cada pensamento, em cada gesto, em cada reunião, em cada verso. Esse sentimento tem de permanecer vivo em cada um de nós para que possamos transmitir aos nossos filhos essa linda história de encantamento que está sendo contada de geração em geração há 35 anos!".

(Paula de Castro Bello, mãe da Sofia de Castro Bello do 3º ano) 🏠

Comemoração interna de São Micael

Mirna Ferreira – Professora de Jogos 1º ao 4º ano do EF e Ensino Religioso do 1º e 4º ano
Rosana Rossi - Professora de Música do 1º ao 5º ano do EF

A época de Micael é vivenciada intensamente em nossa Escola, tanto por meio das histórias e músicas inspiradas em sua força e coragem, como também pela superação de desafios propostos às crianças.

Nesse dia de comemoração interna, enquanto o Maternal se reúne com as salas do Jardim em uma grande confraternização, o Ensino Médio se une aos alunos do Fundamental para conduzi-los e encorajá-los nas dificuldades que enfrentarão. No Salão, compartilham o desafio simbólico de dominar e vencer o dragão, enquanto na quadra os auxiliam nos desafios do "circuito", que exigem força, cooperação, equilíbrio e coragem.



FORJANDO A ARMADURA

Rudolf Steiner

(Tradução: Ute Craemer)

Nego-me a me submeter ao medo
 Que me tira a alegria de minha liberdade
 Que não me deixa arriscar nada
 Que me torna pequeno e mesquinho
 Que me amarra
 Que não me deixa ser direto e franco
 Que me persegue
 Que ocupa negativamente minha imaginação
 Que sempre pinta visões sombrias

No entanto, não quero levantar barricadas por medo do medo
 Eu quero viver, e não quero encerrar-me
 Não quero ser amigável por ter medo de ser sincero
 Quero pisar firme porque estou seguro
 E não para encobrir meu medo
 E quando me calo, quero fazê-lo por amor
 E não por temer as consequências de minhas palavras

Não quero acreditar em algo, só pelo medo de não acreditar
 Não quero filosofar, por medo que algo possa atingir-me de perto
 Não quero dobrar-me, só porque tenho medo de não ser amável
 Não quero impor algo aos outros pelo medo de que possam impor algo a mim
 Por medo de errar, não quero tomar-me inativo
 Não quero fugir de volta para o velho, o inaceitável
 Por medo de não me sentir seguro no novo
 Não quero fazer-me de importante
 Porque tenho medo de que senão poderia ser ignorado

Por convicção e amor, quero fazer o que faço
 E deixar de fazer o que deixo de fazer
 Do medo quero arrancar o domínio e dá-lo ao amor
 E quero crer no reino que existe em mim

Biografias

Diego Ferrarezzi – Tutor do 9º ano do EM e Professor de Educação Física do 5º ao 12º ano

Entre os dias 4 e 5 de setembro, os alunos do 9º ano apresentaram lindamente os Trabalhos de Biografia. Experiência de extrema importância para os jovens, que puderam acompanhar a vida de alguém que deixou sua marca na história da humanidade. Foi um processo longo, no qual os alunos passaram por crises, decepções, choros e alegrias, além, claro, por toda a grandiosa obra que seu biografado deixou no mundo. Parabéns aos alunos do 9º ano por todo o trabalho e empenho durante o processo!






“Foi um processo muito exaustivo, mas me engrandeceu muito, me trouxe muito conhecimento e muita noção de muitas coisas que antes eu não tinha. Eu coloquei a minha alma e minha essência nesse trabalho e não me arrependo de nenhuma das madrugadas que adentrei mergulhando nesse processo.” **(Sofia R.)**

“Para mim, o processo da biografia foi difícil, mas foi bom. Eu acho que eu consegui cumprir meu objetivo, colocando um pouco de mim e de arte no meu trabalho. Eu fiz o meu melhor e eu gostei do meu processo. Eu me conheci melhor e me identifiquei bastante com o meu biografado. Isso me purificou bastante e eu fiquei mais leve ao terminar o processo.” **(Pedro Miguel)**

“Confesso que no começo não dei a devida importância, mas com o tempo fui vendo tudo o que a biografia me mostrava sobre mim mesma. Peguei gosto por escrever e conhecer mais da vida do meu biografado; com a ajuda do Diego fiz da biografia um processo de autoconhecimento, lidando melhor com os problemas.” **(Ana Beatriz)**

“A biografia, bem, é algo bem mais difícil que só escrever e sentir o que seu biografado quis passar, é entender que essas coisas podem acontecer com você; te faz olhar para o seu futuro e pensar como seria a sua biografia; também te ajuda a se organizar e aprender a olhar para o passado para construir o futuro.” (Gabriel Vale)

“A biografia foi uma das melhores coisas que me aconteceram. Essa biografia, assim como a caminhada, exigiu muito de mim também. Mas foi horrível quando eu acabei, pois não queria ter acabado. Fez tão bem pra mim, eu aprendi e resolvi tantas coisas sobre mim mesma.” **(Sofia M.)** 

Caminhada

Entre os dias 10 e 13 de setembro, o 9º ano vivenciou o desafio da caminhada, com início na cidade de Piquete e término na cidade de Campos do Jordão. Além do desafio físico, a caminhada leva a um processo de autodesenvolvimento e autoconhecimento muito intenso, desafio interno de vencer a si próprio, ganhando força de vontade e confiança.

“A caminhada eu comecei muito nervoso, ninguém sabia onde ia parar o ônibus e, quando parou, ninguém acreditou quando todo mundo saiu. Ficamos prontos e fomos caminhar. Depois de alguns dias, chegamos no ponto que o ônibus pegaria a classe e os professores. Foi a melhor sensação: conforto e a felicidade por completar a caminhada com meus amigos.” **(Pedro Luis)**

“Para mim, a caminhada foi muito boa. Tanto para meu externo quanto para meu interno. Foi muito legal ter essa experiência de andar e acampar, principalmente com meus amigos e amigas. Também me senti muito bem de sair da cidade grande e ter mais contato com a natureza. Foi um desafio difícil, mas que eu e minha sala conseguimos cumprir. Eu acho que eu não faria de novo, mas valeu muito a pena pela experiência.” **(Pedro Miguel)**


“Foi uma experiência muito desgastante e exaustiva. Todo o processo foi um desgaste psicológico muito grande para mim, e eu me senti constantemente em desespero. Contudo, todas as experiências que nós passamos na vida vêm para nos engrandecer em algum âmbito, e a caminhada me trouxe a noção de que sim: eu sou forte e capaz, mesmo quando a vida me expõe a circunstâncias extremas.” **(Sofia R.)**

“Subir e descer / Para sempre crescer / Se manter caminhando, e / Sempre cantando. / Quando quiser desistir / Persistir, persistir, persistir / De manhã era sol de morrer, / De noite estrelas / E a dor nas costas fazia sofrer. / Mas a satisfação de chegar / No acampamento, vale a pena / Tudo que passamos, naquele breve momento.” **(Natália Saad)**

“O processo da caminhada foi bem difícil, mas também foi muito especial. Antes de ir, eu prometi a mim mesma que não me deixaria vencer e que eu iria aguentar e seguir positiva, independentemente da dificuldade. Enquanto eu estava lá, havia muitos momentos em que eu me sentia mal, ou cogitava chegar a pensar em desistir, mas mesmo com muita dor eu continuei, não desisti, permaneci positiva e animada do início ao fim. Houve momentos em que eu me enchi de felicidade e orgulho por não deixar aquilo me vencer, não me arrependi, e consegui me divertir demais. O sentimento de realização não tem preço.” **(Tiê)**

“A caminhada foi muito cansativa e exigiu muito de nós, mas se eu pudesse faria tudo de novo. A caminhada mostrou pra mim que eu sou capaz, é só não parar ou desistir. A caminhada também foi um desafio em grupo, e mais uma vez conseguimos completar um desafio juntos.” **(Sofia M.)**

“A caminhada foi uma viagem bem cansativa, nela pudemos passar por vários tipos de paisagem. Também todo o dia arrumar a mala, desmontar as barracas, e preparar a própria comida é algo que traz um ritmo bom e que também reflete no ritmo da caminhada. Em toda a caminhada é bem difícil e necessário treino; com treino ela fica bem mais fácil e dá para aproveitar a vista e a experiência.” **(Gabriel Vale)**

“Acho que nos superamos na caminhada, tanto como grupo quanto individualmente. No começo achei que seria bem mais tranquilo do que foi, achei que conseguiria ficar na frente, mas acabei ficando sempre atrás, com a Maria e o Miguel, e senti uma dor horrível. Mas, no fim, sempre dava um sentimento de conquista e satisfação. Durante a caminhada, não parava de xingar tudo, fiquei com raiva, mas durava pouco tempo porque depois já começava a conversar e esquecia da dor.” **(Ana Beatriz)** 

Textos do 11º ano

No módulo de Literatura, o 11º ano de 2018 fez algumas releituras de poemas e criou versos da mulher "idealizada" a exemplo dos poetas românticos do século XIX.

Meus oito anos

"Oh que saudades que tenho
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais." **(Casimiro de Abreu)**

Em Campos do Jordão
Brincando de sol a sol sem parar
Andando a cavalo até cansar,
Mandando cartinhas
Jogando bola
Correndo nas montanhas
No nosso mundo imaginário
Onde nos sentíamos vivos.

Minhas irmãs e eu
Na casinha do Veredas
Vendo o pôr do sol e as estrelas
Indo em cachoeiras geladas
Oh! Infância amada!
Querida mãe cuidando
Na casa do vovô, comendo de montão. **(David Yaari)**

A mulher ideal
Uma mulher inteligente e engraçada
Em qualquer lugar é o ideal,
Ela tem que ser equilibrada
E não pode ser brutal.

Viajar pelo mundo
Visitar vários lugares
Ter um papo profundo
E conhecer muitos mares.

Que nós busquemos o lado espiritual
Que ela goste de outros ajudar
Fiquemos juntos até o final
Ou até nosso ciclo acabar. **(David Yaari)**

SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS:

 Escola Waldorf São Paulo

 @escolawaldorfsaopaulo

Poemas e histórias

Proposta da aula de literatura: poema romântico que conta histórias do lugar, da aluna do 11º ano de 2018.

Inverno

Há um rio que divide a cidade,
A chuva escorre em meu rosto,
É inverno, a água cai com força
Em meus olhos.
Um forte vento abre o dia, e o sol aparece, ele arde em
minha pele branca.

As frutas da grande Amazônia se alcançam lá.
Saborosas, amargas, doces e de todos os tamanhos e tipos.
O som e o eco que as árvores gritam, sinto-os em mim.
Grandes histórias e mitos aquela terra possui.

A lama úmida e gelada, me deito sobre ela.
As árvores altas e firmes, faço um balanço.
Tudo é calmo, tudo é belo, a chuva já não está forte,
O Sol já não queima, mas o sangue dos homens que
protegeram aquela terra
Ainda vive lá nas histórias contadas.

O forte vento arranca telhas,
São os espíritos da natureza acreana,
São os espíritos dos seringueiros que ali viviam e
protegiam a casa que não era sua,
Casa da fauna e da flora.

A chuva não era chuva, eram seus beijos,
As frutas eram os doces lábios.
O eco das árvores é o de seu peito, um grito.
O forte vento é seu abraço,
Capaz de desmoronar sentimentos ruins. **(Cloé Kassab)**

Agenda

NOVEMBRO

24 Sarau do E.M.

DEZEMBRO

8 Formatura do E.M.

10 a 14 Recuperação Final do E.F.

EXPEDIENTE

Comissão da Circular

Diagramação: Bene Designer

Administração: Mara Cristina Tonini



**Escola
Waldorf
São Paulo**

Rua Baluarte, 111 - Vila Olímpia
São Paulo - SP - 04549-010

Tel.: 30442000 - e-mail: escola@waldorf.com.br